

LONGFORM E JORNALISMO: UMA ANÁLISE DE GRANDES REPORTAGENS NA REVISTA PIAUÍ

Vanessa Amália Dalpizol Valiati¹
Nadine Laís Funck²
Letícia Prior Breda³

RESUMO

Este artigo busca analisar o processo de apuração utilizado nas reportagens desenvolvidas pelos jornalistas da revista Piauí. Além disso, o estudo traz a relevância teórica do movimento que consagrou o jornalismo literário, conhecido como Novo Jornalismo. O estudo foi feito a partir do método exploratório, utilizando como estudo de caso a revista Piauí e ferramentas provenientes da análise de conteúdo. Os resultados foram obtidos a partir da análise de quatro reportagens da revista, que permitiram concluir a importância da checagem de dados e como os detalhes apresentados pelos jornalistas são essenciais para descrever personagens, ambientes e expressões, o que resulta em textos mais aprofundados.

PALAVRAS-CHAVE

Reportagem. Jornalismo literário. Apuração de notícias.

1 INTRODUÇÃO

A revista Piauí é um periódico mensal que aborda temas diversos com o principal objetivo de buscar histórias que possam despertar o interesse da sociedade brasileira. Além de buscar a atenção do leitor por meio de assuntos cômicos, atuais e reflexivos, a revista também preza pelo tempo que os jornalistas precisam para trabalhar – apurar os fatos, falar com as fontes e desenvolver o texto (PIAUI, 2019). O objetivo deste estudo é entender quais são os métodos que os jornalistas da Piauí desenvolvem para aprofundar suas temáticas, tanto para o impresso, quanto para o digital. Como a linguagem apresentada pelo periódico

¹ Doutora em Comunicação e Informação (UFRGS). Professora e pesquisadora na Universidade Feevale (Mestrado Profissional em Indústria Criativa).

² Graduada do curso de Jornalismo na Universidade Feevale. Pós-graduanda em Revisão Prática de Texto na Faculdade Unyleya.

³ Bolsista de Iniciação Científica na Universidade Feevale.

se aproxima do jornalismo literário, buscou-se analisar o gênero e a maneira como os jornalistas abordam as temáticas para se aproximarem do público.

As reportagens da revista acentuam o aprofundamento de uma determinada temática empregada no desenvolvimento da notícia convencional, muitas vezes independentes do factual e da necessidade de atualização constante. Acredita-se que o assunto possibilita a abrangência do conhecimento da prática jornalística de outros veículos de comunicação, para que possam refletir como suas notícias são apresentadas ao público e como os jornalistas podem aprofundar suas temáticas em assuntos variados.

As reportagens escolhidas para objetos de análise mostram a sofisticação do aprofundamento e desenvolvimento dos textos. Os repórteres aguçaram seus faros jornalísticos por meio de técnicas usadas na etnografia para capturar cada detalhe e movimento que pudesse agregar durante a construção. Os textos analisados nesta pesquisa foram divididos em duas categorias: as de jornalismo investigativo literário e as de apenas jornalismo investigativo. Em ambas as categorias, foram analisadas três características majoritárias e intrínsecas aos estilos abordados: o aprofundamento do repórter; a precisão de dados; e o envolvimento narrativo apresentado ao leitor. A proposta de categorização se baseia nos estudos de Laurence Bardin (1977) que, de acordo com a autora, “é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (BARDIN, 1977, p. 117). Por meio da classificação, separamos os elementos e tentamos categorizá-lo.

Os textos analisados são: Do carvão às cinzas, de Bernardo Esteves e Roberto Kaz, sobre o incêndio no Museu Nacional, que ocorreu em 2018; e De cócoras no país da cesárea, de Vanessa Barbara, sobre as dificuldades de ter um parto normal no Brasil. Também foram escolhidas reportagens que descrevem o perfil de uma personalidade, caracterizada na revista como “Perfis”, para apresentar o detalhamento de informações que os repórteres expõem por meio de suas observações a apuração de dados. Nesta categoria estão as descrições de Hamilton Mourão, escrita por Fábio Victor; e Luciano Huck, escrita por Elvira Lobato e Roberto Kaz.

2 LONGFORM E JORNALISMO

O conceito de texto, segundo Santaella (2007), vem se modificando de forma profunda desde o surgimento das novas tecnologias. O texto integrado, as imagens de tipos variados, “fixas e em movimento, e do som, música e ruído, em uma nova linguagem híbrida, mestiça, complexa, que é chamada de hipermídia” (SANTAELLA, 2007, p. 286), trouxeram, segundo a autora, mudanças de tudo o que se entendia sobre texto, imagem e som.

Miranda, Baldessar e Cavenaghi (2015) afirmam que a migração do jornalismo impresso para o digital é irreversível, mas que o modelo de negócios e o formato narrativo ainda não estão totalmente estabelecidos nesse meio. As autoras explicam que independente do meio em que o jornalismo está inserido, o profissional deve sempre estar em busca da objetividade discursiva. Miranda, Baldessar e Cavenaghi (2015) expõem que “as mídias digitais transformaram o formato da narrativa jornalística. No ciberespaço, as linguagens se fundem” (MIRANDA, BALDESSAR E CAVENAGHI, 2015, p. 6).

De acordo com Longhi e Winqes (2015), as grandes reportagens são uma característica do movimento slowjournalism, que foi definido pelos seus fundadores como “o retorno da qualidade do jornalismo” (LONGHI E WINQUES, 2015, p. 113). As autoras também explicam que questões relacionadas com quantidade e qualidade de texto estão sendo motivo de questionamentos no Brasil.

Ao falar em texto longform, Miranda, Baldessar e Cavenaghi (2015) esclarecem que o formato narrativo chamado de longform journalism (jornalismo de forma longa), engloba um formato multimídia com diferentes linguagens: texto, áudio e vídeo de forma interativa. O primeiro jornal a utilizar o novo formato, segundo as autoras, foi o britânico The Guardian ao “apresentar o conteúdo dos arquivos secretos da National Security Agency (NSA), divulgados pro Edward Snowden” (MIRANDA, BALDESSAR E CAVENAGHI, 2015, p. 5).

Longhi (2016) afirma que, a partir de 2010, o jornalismo no Brasil aposta em conteúdos com uma apuração mais aprofundada e que procura explorar “os recursos multimídia nos meios digitais (...) e um texto caracterizado por uma dimensão mais longa, cuja extensão ultrapassa as quatro mil palavras, pelo menos”⁴, identificado como longform. Mas, foi só em 2012, de acordo com Rosa (2014), com o lançamento do Medium –

⁴ Disponível em: <<https://jornalisonobrasilem2017.com/longform-a-qualidade-como-protagonistaf9f3c39332>>. Acesso em 12 dez. 2020.

plataforma que permite a publicação de textos mais elaborados – que a expressão longform popularizou-se nos Estados Unidos.

Para Longhi e Winqes (2015, p. 118), "[...] o jornalismo longform vai muito além do texto longo. A abundância do texto verbal sinaliza um resgate da qualidade, apuração e contextualização já conhecidos do jornalismo impresso, especialmente consagrados pela reportagem". Miranda, Baldessar e Cavenaghi (2015) concluem que a elaboração de uma longform "precisa de grande planejamento prévio, recursos tecnológicos e esforço de profissionais de várias áreas" (MIRANDA, BALDESSAR E CAVENAGHI, 2015, p. 7).

3 A REVISTA PIAUÍ COMO OBJETO DE ESTUDO

Em seu lançamento, a “pretensiosa” revista Piauí⁵, assim descrita nos estudos de Necchi (2009), não se apresentou como um periódico de cultura ou opinião, mas sim de reportagens. Segundo o autor, a revista foi anunciada em agosto de 2006 durante a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) pelos dois líderes do projeto, o documentarista João Moreira Salles e o editor Luiz Schwarcz, da Companhia das Letras. Naquele momento, de acordo com Duarte (2010), a revista delineou seu público-alvo. Um dos pontos-chave de seu lançamento, segundo a autora, foi a presença de Lilian Ross⁶ e Philip Gourevitch⁷ para compor a mesa redonda sobre jornalismo literário.

De acordo com Necchi (2009), o periódico se apresentou como um espaço para contar boas histórias e dar importância para o que, por ser ignorado, seria insignificante e que buscava novidades em algo que ficou perdido no esquecimento e que, por isso, “pareceria velho e ultrapassado” (NECCHI, 2009, p. 102). Nesse sentido, Carvalho e Sagentini (2009) afirmam que a maioria das reportagens se enquadra no Novo Jornalismo, “caracterizado por textos longos, descritivos, autorais, com ênfase em detalhes reveladores do fato narrado e não em

⁵ Originalmente utilizada com letra “p” minúscula pela marca.

⁶ Autora e jornalista estadunidense que trabalhou para a revista The New Yorker e contribuiu para o manifesto do Novo Jornalismo.

⁷ Também dos Estados Unidos, é jornalista, autor do livro Gostaríamos de informá-lo que amanhã seremos mortos com nossas famílias e colaborador para o The New Yorker.

estatísticas, com a valorização dos detalhes físicos e de atitudes" (CARVALHO E SAGENTINI, 2009, p. 189).

Segundo Pagotto (2018), a Piauí opta por levar aos leitores temas da contemporaneidade com um formato mais detalhado. De acordo com a autora, o "caráter inovador e literário da revista, a diagramação e planejamento visual é voltada para uma maneira mais artística do que outras publicações costumeiras" (PAGOTTO, 2018, p. 36), e destaca as capas do periódico, que trazem apenas ilustrações e os títulos das matérias principais.

4 A PRÁTICA DO NOVO JORNALISMO

No início dos anos 60 surgiu, de acordo com Wolfe (2005), uma ideia nova que se espreitou nos limites das reportagens especiais com um tom de descoberta: era possível praticar o jornalismo para ser lido como um romance. Os jornalistas da época jamais imaginavam que "o trabalho que fariam ao longo dos dez anos seguintes, como jornalistas, roubaria do romance o lugar de principal acontecimento na literatura" (WOLFE, 2005, p. 19).

Domingues (2013) explica que o termo "romance" se consagrou no final do século XVIII ao relativizar a ficção entre vida e literatura. O autor indica que, antes disso, as formas literárias eram apresentadas por meio de fábulas, mitologias, lendas e conteúdos históricos ou "experiências coletivas tradicionalmente estabelecidas e reconhecidas" (DOMINGUES, 2013, p. 189). Na opinião de Martinez (2009), o Novo Jornalismo é uma "corrente jornalística que teve alta visibilidade nos Estados Unidos dos anos 1960" (MARTINEZ, 2009, p. 78). De acordo com a autora, havia no Brasil, a revista Realidade e o Jornal da Tarde, que são lembrados como expoentes máximos da onda de jornalismo literário daquela década.

O que proporcionou o surgimento do Novo Jornalismo, segundo Pena (2006), foi a objetividade do texto expressada por meio do lead, descrito pelo autor como "uma prisão literária que recomenda começar a matéria respondendo às perguntas básicas do leitor" (PENA, 2006, p. 53). O estilo acabou se consolidando, segundo Domingues (2013), após a publicação de reportagens em revistas que integravam a grande imprensa e que "encontraram nos textos jornalísticos literários, de profissionais que já tinham

reconhecimento a brecha para uma nova maneira de relatar os fatos e atrair leitores” (DOMINGUES, 2013, p. 194).

Seibt (2013) explica que o Novo Jornalismo foi o precursor do gênero, hoje substituído pelo intimante journalism. Ao descrever esse novo formato, Seibt (2013) apresenta a fala de Érik Neveu (apud SEIBT, 2013, p. 104), que diz que o gênero “utiliza a técnica do perfil ou da descrição realista da vida cotidiana para fazer com que os leitores saiam momentaneamente deles mesmos e sintam o que é ser outra pessoa para deixar inteligíveis problemas sociais a partir de um personagem” (SEIBT, 2013, p. 104). Para Wolfe (2005) a ideia do Novo Jornalismo era dar a descrição objetiva completa, como a vida íntima e emocional dos personagens apresentados, algo que os leitores procuravam em romances e contos.

Há profissionais que entendem que o Novo Jornalismo e o jornalismo literário são a mesma coisa, como Lugão (2012). A autora compreende que o gênero surgiu antes do movimento, mas considera apenas com a chegada do termo Novo Jornalismo foi possível “classificar esses textos e as chamadas grandes reportagens ou romances reportagens” (LUGÃO, 2012, p. 54). Já Necchi (2009) explica que a tendência de confundir o termo com o jornalismo literário como se fossem sinônimos é equivocada. De acordo com o autor, um é um movimento específico e outro é um estilo de narrativa jornalística.

Motta (2004) explica que o discurso jornalístico tradicional tende a desenvolver textos mais descritivos que narrativos. A diferença entre as duas definições está no formato em que a escrita é desenvolvida: o narrativo se configura como diversos “relatos de eventos que configuram uma ação temporal que estimula a imaginação” (MOTTA, 2004, p. 3), enquanto o descritivo se constrói a partir de um momento único, temporalmente suspenso, que procura naturalizar o acontecimento para criar um efeito real ao leitor.

Para Faro (2013), o exercício narrativo de alta densidade investigativa “é uma história que se desenrola em torno de elementos objetivos que se mesclam com a subjetividade do repórter, fato que a distingue de outras formas de narrar” (FARO, 2013, p. 78). O profissional está comprometido com a realidade e não pode distorcê-lo ou reinventá-lo, mas, de acordo com o autor, o jornalista não deve ignorar a potencialidade e a intensidade dramática dos fatos.

Nesse sentido, o repórter é mais que um agente inteligente, pois compreende os dados e fatos com certa autonomia, habilidade e relatividade, além de considerar a sua própria realidade e construir sua matéria (LAGE, 2001). Para trabalhar com a elaboração de reportagens, Magno (2006) explica que os repórteres precisam apresentar ao leitor todos os ângulos de determinado acontecimento, seja “da polícia, da vítima e do ladrão” (MAGNO, 2006, p. 27).

Sodré e Ferrari (1986) explicam que o repórter é a ponte entre o leitor e o acontecimento e que sua reportagem deve apresentar uma narrativa, mesmo que de formas variadas, ou não será reportagem. De acordo com os autores, um acontecimento específico só deixará de ser uma simples notícia cotidiana se conduzir o leitor a despertar seu posicionamento crítico, salientando outros aspectos, ampliando a visão sobre determinado assunto.

O repensar das narrativas jornalísticas a partir disso, leva o jornalismo ao encontro da literatura com um misto de técnicas, apuração e olhares diversificados. A junção de todos esses métodos incomodou muitos e foi aplaudido por outros (como os jornalistas que aderiram ao Novo Jornalismo), mas conclui-se que o resultado do movimento iniciado nos anos 60 está presente nas construções jornalísticas do século XXI.

5 JORNALISMO LITERÁRIO

O jornalismo e a literatura estão interligados desde o final do século XIX no Brasil, de acordo com Nascimento (2009). Livros como “O Guarani”, de José de Alencar e “A memória” de um sargento de milícias, de Manuel Antônio de Almeida, foram conhecidos primeiro em jornais – a primeira obra no Diário do Rio de Janeiro (em 1857) e a outra no Correio Mercantil (em 1853) – para posteriormente virarem livros. A autora conta que a maioria das publicações nos jornais da época constituía-se de certo hibridismo entre a literatura e o jornalismo.

Com o tempo, isso se modifica. Nascimento (2009) explica que a separação entre a literatura e o jornalismo aconteceu com a criação dos manuais de redação, que surgiram na década de 1950. De acordo com Necchi (2009) “as práticas de reportagem efetuadas no

Brasil podem revelar que a adoção do jornalismo literário como modelo não é recorrente na imprensa do país” (NECCHI, 2009, p. 100) depois que os jornalistas brasileiros adotaram um método mais objetivo de noticiar. O formato de texto, segundo o autor, é orientado pelo modelo norte-americano com a pirâmide invertida.

Pena (2006) explica que há uma perda ética presente no jornalismo. O autor percebe que em momentos em que diversos repórteres deveriam estar direcionados para a coletividade dos cidadãos à sua volta, estão mais interessados no espetáculo, no que pode ser publicado em revistas de fofoca. Porém, mesmo vivendo essa realidade, Pena (2006) explica que os jornalistas mais sérios e comprometidos buscam outras alternativas e o jornalismo literário se tornou uma delas.

Martinez (2009) expõe que há quem diga que o gênero “agrega técnicas literárias às boas práticas jornalísticas para produzir textos informativos e cativantes” (MARTINEZ, 2009, p. 72) e outros que acreditam que a prática foi desenvolvida por escritores frustrados que tiveram de trabalhar como jornalistas para ganhar a vida. Com o surgimento do Novo Jornalismo, Lima (2004) indica que os escritores iniciaram a procurar o jornalismo e não o contrário, como acontecia. Além disso, o jornalismo literário alcança seu status próprio e “em 1969 já se constituiria num gênero que não poderia mais ser considerado inferior” (LIMA, 2004, p. 197) e que, na pior das hipóteses, não haveria questionamentos quanto à qualidade literária desse estilo de produção jornalística.

Guzzo e Teixeira (2008) apresentam que o gênero literário “é um tipo de jornalismo em que a leveza, a liberdade de angulação e de escrita da literatura se faz presente como nos romances fictícios” (GUZZO E TEIXEIRA, 2008, p. 2). Nesse aspecto, os autores expõem que o repórter que está inserido nesse meio está sempre em busca de uma visão mais aguçada, profunda e precisa dos acontecimentos que pretende levar ao leitor.

Motta (2005) ressalta que “a estratégia textual principal do narrador jornalístico é provocar o ‘efeito de real’” (MOTTA, 2005, p. 9) e fazer com que o leitor acredite nos fatos apresentados como se estivessem falando por si próprios. O autor explica que são inúmeras as formas para que o repórter se aproxime do receptor. Duvanel (2009) compreende que é por meio do convívio com o entrevistado que o repórter consegue identificar um perfil psicológico e transcrever determinado monólogo. A partir disso, a autora questiona os

limites da profissão e a exposição do real e verdadeiro perante o leitor: “Não seria isso um recurso literário que, aqueles que contam histórias reais, não podem fazer? Qual é o limite da reprodução de determinadas técnicas?” (DUVANEL, 2009, p. 26).

O que foi percebido nos estudos de Martinez (2009), é que a maioria dos jornalistas que pretendem seguir na área do jornalismo literário acaba por aplicar um exagero em linguagem artificial e rebuscada. A autora explica que a observação é uma pena, visto que a “precisão é uma das grandes vantagens do texto jornalístico” (MARTINEZ, 2009, p. 82). Uma das características apontadas ao exemplificar as caracterizações impostas por Kramer sobre o gênero foi o bom uso de digressões – “arte de contar algo indiretamente relacionado para enriquecer a notícia e voltar ao ponto” (MARTINEZ, 2009, p. 82). A autora chama a atenção para o fato de que o recurso precisa ser usado em pontos específicos da narrativa e o exemplificou como se fosse o capítulo de sábado de uma boa novela. Se utilizado no lugar errado, o leitor se desinteressa pelo texto e o abandona.

6 DO CARVÃO ÀS CINZAS

A reportagem “Do carvão às cinzas”⁸, de Bernardo Esteves e Roberto Kaz, foi publicada na edição 145, em outubro de 2018, e aborda o incêndio que ocorreu no Museu Nacional no ano passado. No início do texto, é visível o cuidado com as informações apresentadas, que falam sobre pesquisadores, estudantes, curiosos e personagens banais que estão ligados ao patrimônio histórico. Então, chega a seguinte frase: “Dois dias depois, tudo seria queimado”. Esse foi o ponto de digressão apontado por Martinez (2009), em que, depois de mostrar informações relacionadas com o ponto principal, os autores voltam para o assunto da reportagem e fazem com que o leitor dê seguimento ao texto.

Esteves e Kaz confirmam os estudos de Lage (2001) ao orientar o leitor sobre a realidade que, neste caso, foi interrompida pelo incêndio e, então, modificada. Esse fato se concretiza nas seguintes palavras, que se seguem após a digressão: “O incêndio no Museu Nacional lança luz sobre a história do que poderia ter sido e não foi”. Em seguida, o texto dá

⁸ Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/do-carvao-as-cinzas/>>. Acesso em 12 dez. 2020.

um breve histórico do museu para que o leitor observe o passado e o presente, apontados por Magno (2006) como características de grandes reportagens.

Os repórteres apresentaram dados de jornais sobre a decadência do Museu Nacional, além de falas de representantes no decorrer dos anos, que pedem apoio da prefeitura, do estado do Rio de Janeiro e do País. Os números precisos mostram o empenho na investigação e na pesquisa das informações, que deixa perceptível que os profissionais conversaram com os personagens envolvidos, analisaram a situação e os fatos, bem como Duvanel (2009) identifica uma boa apuração.

Porém, os jornalistas não apresentam apenas informações sobre o Museu. Há uma personagem que, hora ou outra, ressurge no texto, representada pela arqueóloga Rita Scheel-Ybert. Com ela, além de suas características pessoais, estão informações sobre seu trabalho e como elas se ligam com o patrimônio. O vínculo de Rita com o conteúdo apresentado está presente nas observações de Duvanel (2009) sobre o jornalismo narrativo, pois a personagem faz com que o leitor se envolva ainda mais com o texto e queira descobrir qual a sua ligação com o local.

Além disso, o momento em que Rita soube que o Museu está em chamas, o texto narra detalhes de nervosismo e pensamentos que a pesquisadora teve para pensar em alternativas. Isso mostra que o jornalismo consegue, sim, ativar os sentidos do leitor (DUVANEL, 2009). Esse aspecto se aproxima do receptor como a frase dita pelo geólogo Sérgio Alex de Azevedo, ao dizer lamentar que o desastre tenha acontecido em um domingo, mas acrescentando: “Pensando bem, se houvesse alguém, as pessoas teriam morrido lá dentro, porque aquilo era a vida delas”. Revelações como esta humanizam a reportagem e fazem com que o texto narrativo desperte emoções no leitor, o que a notícia cotidiana não faz, segundo Lima (2004).

Nesse sentido, identifica-se que o texto de Kaz e de Lobato compõem as categorias de jornalismo investigativo literário e de jornalismo investigativo, além de apresentar as características de: aprofundamento do repórter; a precisão de dados; e o envolvimento narrativo apresentado ao leitor.

7 DE CÓCORAS NO PAÍS DA CESÁREA

Vanessa Barbara escreveu a reportagem “De cócoras no país da cesárea”⁹ para a edição 152, publicada em maio de 2019. O texto tem um formato diferenciado dos demais analisados neste trabalho, visto que Barbara descreve um acontecimento pessoal de sua vida em primeira pessoa. Esse estilo de narrativa encontra-se nos estudos de Guzzo e Teixeira (2008), em que o jornalista narra o fato exatamente como viveu e presenciou.

Além de ser a personagem principal de sua própria história, Barbara não deixa de apresentar informações ao leitor. A jornalista apresenta os índices de cesárea realizados pelo mundo todo, sendo o Brasil o terceiro com a maior taxa mundial (55,5%¹⁰ em 2015), entre outros dados específicos que relacionados ao país e sua preferência pelo procedimento. Essas informações só poderiam ser coletadas por meio de uma pesquisa intensa e aprofundada, caracterizada como exercício narrativo de alta densidade investigativa (FARO, 2013).

Barbara apresenta as dificuldades que podem ocorrer com o bebê após a cesárea, como distúrbios respiratórios e retenção de fluido nos pulmões e conta que, com o parto cirúrgico, há um aumento de bebês prematuros. A repórter apresentou todos os ângulos da problemática: relatos de mulheres que foram induzidas à cesárea; falas de médicos (como a médica chamada na reportagem de Obstetra do Convênio) que justificam que o procedimento como um processo mais curto e também menos dolorido; aos indícios de que os médicos são beneficiados com o parto cirúrgico (menos tempo de trabalho, mais tempo de internação, mais uso de medicamentos, por exemplo); e também apresentou declarações do hospital que cobria seu plano médico que apresentava uma taxa de 87,8% de cesáreas em 2017.

Além de apresentar um embasamento de dados, Barbara descreve seus anseios e suas angústias na busca por um médico que realize um parto normal e de cócoras. Além disso, a jornalista intercala sua busca por um profissional adequado com informações e

⁹ Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/de-cocoras-no-pais-da-cesarea/>>. Acesso em 12 dez. 2020.

¹⁰ Dado retirado da reportagem de Barbara.

resultados de pesquisas, como os apresentados acima nesta análise. Após, a jornalista conta todos os detalhes do momento em que começou a sentir as dores do parto, o que faz com que o leitor se sinta no acontecimento com ela e praticamente a enxergue sentada no sofá, no banheiro, tomando banho ou sofrendo com as contrações (DUVANEL, 2009).

Um dos pontos interessantes de seu texto é que a jornalista faz com que o receptor acredite que a reportagem foi escrita no exato momento em que a história está sendo contada, o que potencializa os recursos do jornalismo (PENA, 2006). A jornalista não dramatiza a sua situação, pelo contrário: descreve os acontecimentos de forma cômica em diversos momentos. O uso de técnicas literárias empregada por Barbara tornou o texto, de acordo com os estudos de Martinez (2009), informativo e cativante ao leitor.

O texto de Barbara, a partir da análise deste estudo, compõe as categorias de jornalismo investigativo literário e de jornalismo investigativo, além de apresentar as características de: aprofundamento do repórter; a precisão de dados; e o envolvimento narrativo apresentado ao leitor.

8 HAMILTON MOURÃO

Elaborado por Fabio Victor, o perfil de Hamilton Mourão, vice-presidente do governo Bolsonaro (2018-2022), foi publicado na edição 147, dezembro de 2018. Com o título “O vice a cavalo”¹¹, o repórter apresentou Ídolo do Rincão, o cavalo de Mourão e coadjuvante da chamada, antes de ser encilhado pelo dono. As descrições do cavalo são sutis antes da entrada do personagem principal que, em um primeiro momento, é descrito pela altura, peso e vestimenta. A reportagem compõe as categorias de jornalismo investigativo literário e de jornalismo investigativo, além de apresentar as características: o aprofundamento do repórter; a precisão de dados; e o envolvimento narrativo apresentado ao leitor.

O repórter acompanha o vice-presidente eleito antes da apuração dos votos do primeiro e segundo turno, acompanhando-o nos dias 7 e 28 de outubro de 2018, dias de votação no Brasil. Logo no início do texto, percebe-se um pouco sobre Mourão: vai três

¹¹ Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-vice-cavalo/>>. Acesso em 12 dez. 2020.

vezes por semana à hípica, mora em Copacabana, no Rio de Janeiro, e gosta de fazer brincadeiras que, em suas palavras fogem do politicamente correto. Victor o acompanha como um expectador, fazendo-se presente em momentos cruciais do texto, seja com perguntas, indagações, pensamentos ou também com os dados que apresenta ao leitor perante as falas ou respostas de Mourão.

O jornalista colocou em prática os estudos de Duvanel (2009) ao acompanhar Mourão nesses dias em que pode analisar a situação, os fatos e os personagens envolvidos. A escrita do repórter e o desenvolver da história também esclarecem determinados fatos as situações, características que Lima (2004) destaca no jornalismo interpretativo. Em um dos trechos, o repórter questiona Mourão sobre o motivo pelo qual idolatra Brilhante Ustra e, mesmo com as respostas do vice-presidente, dizendo que ele pode ter sido vítima de calúnias, apresenta dados sobre a ditadura, o número de pessoas que o denunciaram por tortura e a quantidade de mortos na época.

Esses detalhes mostram o quanto Victor quis apresentar os dois lados da história: O de Mourão, que idolatra um general acusado de torturar e matar brasileiros durante a ditadura, e o das informações divulgadas no decorrer do tempo sobre Ustra. O jornalista apresentou as informações ao leitor sem que precisasse se posicionar sobre o assunto. Victor colocou em prática os apontamentos de Magno (2006) que compreende que a reportagem deve mostrar todos os lados do acontecimento. O leitor não demora, também, para perceber um vício de linguagem específico do representante, que pronuncia “pô” em praticamente todos os finais de suas frases. Victor faz com que essa característica marcante aproxime o leitor de sua realidade, já que é uma das palavras que chamam a atenção na fala do vice-presidente, o que causa um efeito real no leitor (MOTTA, 2004).

Victor também apresentou aspectos de Mourão que só podem ser apresentadas por meio de uma investigação profunda, como suas falas em palestras e seus posicionamentos perante determinadas pessoas e assuntos. Essa é uma das características que Domingues (2013) destaca no Novo Jornalismo. Victor também se equipara com o autor ao explorar claramente ferramentas literárias em sua narrativa, com descrições do cavalo, sentimentos dele, expressões corporais de Mourão e descrição de cenas. Esses detalhes também são

característicos do jornalismo etnográfico, que faz com que o leitor saia momentaneamente da sua realidade para ser outra pessoa – aquela descrita pelo repórter (SEIBT, 2013).

Seu texto longo é direcionado aos leitores dedicados, que querem saber quais foram os passos de Mourão antes de ganhar as eleições de 2018. Nesses casos, é preciso compreender os estudos de Longhi e Winkes (2015) que expõem que o texto longo se destaca por muitos aspectos: formato, contextualização, apuração, aprofundamento, mas também leitores dispostos a dedicar tempo para ler.

O jornalista se fez presente em muitos momentos, o que é positivo para o receptor, que não o esquece no decorrer do texto, mesmo que sua aparição seja sutil, foi essencial para o entendimento e esclarecimento de determinadas questões, como a opinião de Mourão sobre Ustra, por exemplo. Além disso, o que chama a atenção é a forma como encerra o texto com uma última frase do representante do Governo que, ao saber do resultado das eleições, expõe: “A ação começa agora”. Sua fala e o jeito que a reportagem se encerra, deixa o leitor instigado a saber o que acontecerá em seguida, visto que o texto foi publicado em dezembro de 2018 e o governo de Bolsonaro assumiu em janeiro de 2019.

9 LUCIANO HUCK

Descrito por Roberto Kaz e Elvira Lobato, o perfil de Luciano Huck, apresentado na linha de apoio como quase-candidato à Presidência da República nas eleições de 2018, recebe o título de “O Neófito”¹², publicado na edição 139, em abril de 2018. A chamada, o qual se refere à Huck como “o neófito”, aparece na fala de Fernando Henrique Cardoso (FHC)¹³ no meio da reportagem, ao dizer que a entrada de um neófito seria boa para a política, o que deixa implícito, para leigos, que a palavra signifique um principiante em determinada área. A do apresentador era a política.

Os jornalistas iniciam o texto abordando Huck sobre sua desistência na candidatura ao principal cargo do Brasil. O entrevistado conta alguns detalhes sobre ser pressionado pela

¹² Disponível apenas para assinantes no link: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-neofito/>>. Acesso em 12 dez. 2020.

¹³ Ex-presidente do Brasil, de 1995 a 2003.

Globo, emissora em que trabalha, conversar com personalidades políticas, como FHC, e ter o apoio da família. Em uma de suas falas, a reportagem descreve a posição de Huck, que "colocou as duas pernas sobre a poltrona e depois as cruzou, numa posição algo juvenil", esse detalhe, capturado pelos olhos dos autores, provoca no leitor uma sensação de participar do momento, como se enxergasse o entrevistado aconchegando-se e relaxando na cadeira enquanto responde aos questionamentos. Esses pequenos detalhes descritos se caracterizam no exercício narrativo, que procura causar um efeito real no leitor (MOTTA, 2004).

É interessante observar como os repórteres apresentaram as características físicas do personagem principal, até o tamanho de seu nariz, seu jeito de falar, seus amigos e ex-namoradas. Um dos pontos que mais prende a atenção é no qual Huck é chamado de "um sapatênis de 46 anos", característica acrescentada pela personagem estar sempre com sapatênis nos pés. Esse estilo de narrativa permite que os autores elaborem frases cômicas, o que torna o texto, de certa forma, mais leve. Esse tipo de apresentação pode ser escrito após determinado convívio com o entrevistado, momentos em que os jornalistas conseguem identificar seu perfil psicológico (DUVANEL, 2009).

Como já foi analisado um texto de Kaz (Do carvão as cinzas), percebe-se que o jornalista é eficiente em suas digressões, que se caracteriza como uma forma de contar algo indiretamente relacionado que enriquece o texto e faz com que o leitor volte ao ponto principal (MARTINEZ, 2009). No perfil de Huck, a digressão se faz presente após uma conversa que o apresentador da Globo teve com Paulo Guedes¹⁴ e a desistência da candidatura. Os jornalistas apresentam a argumentação de Guedes, que diz que Huck e a família não haviam sobrevivido a um acidente de avião¹⁵ por acaso.

As informações sobre a carreira profissional do personagem se completam com as suas falas. Um exemplo disso está na descrição do programa H, que Huck apresentava na Bandeirantes, modelo que levou consigo para a Globo e permaneceu nos anos iniciais do Caldeirão do Huck. Kaz e Lobato descrevem a estética como "bunda-música-game", que se

¹⁴ Fundador do Banco Pactual e, na época em que a reportagem foi publicada, era conselheiro econômico do candidato Jair Bolsonaro. Após a eleição de Bolsonaro, Guedes se tornou ministro da Economia do Brasil.

¹⁵ De acordo com o texto analisado, Huck fretou um bimotor em maio de 2015 de uma companhia de táxi-aéreo para viajar com a família. O avião teve um pouso forçado por estar com pouco combustíveis e apresentar uma série de irregularidades.

completa com a fala do apresentador: “O programa reflete quem sou”, ele disse. “E naquela época eu era um moleque de 28 anos, solteiro, que tinha acabado de se mudar para o Rio”.

Em seguida há o processo de inserção de Huck no cenário político, em que muitos representantes do governo e entendidos de política, entram em cena. No desenrolar dessas informações estão as possibilidades do apresentador na presidência, suas colocações nas pesquisas ou em perguntas de ordem subjetiva. A descrição e a ordem dos acontecimentos são apresentadas resumidamente, mas fazem com que o leitor desempenhe o seu posicionamento crítico e ampliam sua visão sobre o assunto, como os estudos de Sodré e Ferrari (1986).

Também foi apresentado o crescimento profissional de Huck – que não se limita apenas à televisão. O apresentador é investidor, fundador, sócio e empreendedor de diversos negócios, que começaram desde cedo. Todos os assuntos são intercalados com o ponto principal da reportagem: a possibilidade de Huck se candidatar à Presidência de República. As decisões e indecisões do personagem proporcionam uma descrição realista da vida cotidiana e faz com que o leitor sinta a angústia do personagem a partir do desenvolvimento da reportagem (SEIBT, 2013). A tentativa de fazer com que o receptor continue atento à reportagem é uma das dificuldades identificadas por Miranda, Baldessar e Cavenaghi (2015), após o surgimento da internet como difusor de notícias.

A apresentação da repórter no texto, assim como a presença de Kaz em determinados momentos (escrito em primeira pessoa), mostra que, nesses casos, a narrativa literária se segue por meio do que o repórter viveu, presenciou e investigou no caso (GUZZO e TEIXEIRA, 2008). A reportagem compõe as categorias de jornalismo investigativo literário e de jornalismo investigativo, além de apresentar as características: o aprofundamento do repórter; a precisão de dados; e o envolvimento narrativo apresentado ao leitor.

O texto de Kaz e Lobato apresenta detalhes, mas depende do ângulo que se observa. Por um lado, não há tanto detalhamento de locais, pessoas, expressões faciais e vícios de linguagem. Por outro, há muita informação sobre as angústias vivida por Luciano Huck enquanto decidia concorrer ou não às eleições presidenciais. A reportagem transmite essa angústia ao leitor. Uma hora, Luciano quer, na outra, acha melhor não. No início do texto, também pela sua linha de apoio, sabe-se que Huck não se candidata, mas o decorrer de suas

decisões faz com que o leitor se sinta na mesma indecisão do apresentador. Nesse sentido, acredita-se que o texto exerceu as técnicas narrativas estudadas, para que o leitor acompanhasse essa trajetória e também pudesse compartilhar do sentimento do personagem principal.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível fazer com que a leitura jornalística promova a mesma sensação de ler uma obra fictícia, já que os leitores de grandes reportagens se propõem a viverem o que o repórter apresenta, como se realmente fosse possível enxergar com os olhos daquele que escreve (DUVANEL, 2009). O papel do repórter, independente do formato, é noticiar. A diferença entre a notícia e a reportagem é, de fato, a objetividade e a profundidade, que compõe os estudos de Magno (2006).

Porém, a partir desta pesquisa, percebemos que também há uma sofisticação no aprofundamento das informações e na forma em que são levadas ao leitor, que se apropria das sensações do repórter, se excita, entra na cena do crime, se espanta e se diverte (DOMINGUES, 2013). Identificamos que o jornalismo literário proporciona todos os aspectos da literatura, porém, o que os diferencia são fatores essenciais e imprescindíveis para aqueles que exercem o jornalismo: a responsabilidade em apresentar os fatos como realmente são, sem o uso de trechos fictícios, frases inventadas, detalhes adicionados e falas complementadas por meio do imaginário do autor.

Para apresentar os acontecimentos, com todos os relatos possíveis, expressões dos entrevistados, além de abordar todas as versões da história e apurar informações e dados precisos, é preciso que o jornalista tenha tempo. Tempo para procurar, tempo para ouvir, tempo para observar, tempo para escrever. O tempo, no caso de um jornalista, é essencial para que a reportagem apresente as informações de forma completa, da melhor maneira possível, com todas as descrições e lados que o leitor deve conhecer.

Longhi (2016) caracteriza um texto longform pelo número mínimo de quatro mil caracteres. Neste sentido, a partir das referências apresentadas neste estudo, é possível

perceber que a longform deve ser caracterizada também pelo seu aprofundamento nas temáticas, descrições e não apenas por seu tamanho literal. A partir dos resultados desta pesquisa entende-se a importância da apuração no meio jornalístico e como seu aprimoramento afeta na compreensão dos fatos. Como foi observado, a checagem de informações também se fez essencial para que possam ser apresentadas as versões de determinado acontecimento, o que faz com que o leitor esteja ciente dos múltiplos aspectos de um fato e tenha suas próprias conclusões a partir das informações apresentadas.

11 REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, Lda, 1977. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4295794/mod_resource/content/1/BARDIN%2C%20L.%20%281977%29.%20An%2C%20A%20lise%20de%20conte%2C%20BAdo.%20Lisboa_%20edi%2C%20A7%2C%20B5es%2C%2070%2C%20225.pdf . Acesso em: 7 de outubro de 2019.
- CARVALHO, Pedro Henrique Varoni; SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. O papel da imagem em "uma revista para quem gosta de ler": piauí. **Revista da Anpoll** 27, Niterói, v. 2, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.18309/anp.v2i27>. Acesso em: 6 de outubro de 2019.
- DOMINGUES, Juan. Novo jornalismo: reflexões sobre a relação entre reportagem e romance. **Conexão - Comunicação e Cultura**. Caxias do Sul, v. 12, 2013. Disponível em: <http://ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/2458>. Acesso em: 18 de setembro de 2019.
- DUARTE, Marina Lee Colbachini Sathler. **Sentidos resolvidos na revista Piauí (A intersecção da linguagem literária e jornalística)**. 2010.
- DUVANEL, Talita. **O texto com um parafuso a mais: o jornalismo narrativo na Revista Piauí**. Rio de Janeiro: Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Comunicação Habilitação em Jornalismo. Disponível em <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/2268>. Acesso em: 20 de agosto de 2019.
- FARO, J.S. **Reportagem: na fronteira do tempo e da cultura**. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2013.27.65.02/2329>. Acesso em: 29 de agosto de 2019.
- GUZZO, Morgani; TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. **Livro Reportagem: A fuga do superficial como categoria do Jornalismo Literário**. 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0142-1.pdf> . Acesso em: 24 de setembro de 2019.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. 3. Ed. São Paulo: Manole, 2004.
- LONGHI, R.R; WINQUES, Kérley. **O lugar do longform no Jornalismo online: Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo**. 2015. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/693> Acesso em: 15 de maio de 2019.

LONGHI, Raquel Ritter. **Longform, a qualidade como protagonista**. 2016. Disponível em: <https://jornalismomonbrasilem2017.com/longform-a-qualidade-como-protagonista-f9f9f3c39332>. Acesso em: 26 de agosto de 2019.

LUGÃO, Clara Cyrino. **Jornalismo Literário: A literatura do fato**. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/intratextos.2012.1840>. Acesso em: 18 de setembro de 2019.

MAGNO, Ana Beatriz. **A agonia da reportagem - das grandes aventuras de imprensa brasileira à crise do mais fascinante dos gêneros jornalísticos: uma análise das matérias vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo**. Brasília: Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, 2006. 168p. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6641/1/2006_Ana%20Beatriz%20Magno.pdf Acesso em: 22 de abril de 2019.

MARTINEZ, Mônica. **Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada**. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2009v6n1p71>. Acesso em: 31 de outubro de 2019.

MIRANDA, Cristiane Fontinha; BALDESSAR, Maria José; CAVENAGHI, Beatriz. **Modelos de construção narrativa no jornalismo digital no Brasil, Estados Unidos e Inglaterra**. Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://www.geografias.net.br/papers/2015/R10-0678-1.pdf> . Acesso em: 15 de setembro de 2019.

MOTTA, Luis Gonzaga. **Jornalismo e configuração narrativa da história do presente**. 2004. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/ecompos/article/view/8/9>. Acesso em: 29 de julho de 2019.

MOTTA, Luis Gonzaga. **A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. 2005. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>. Acesso em: 29 de julho de 2019.

NECCHI, Vitor. **A (im)pertinência da denominação “jornalismo literário”**. 2009. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/19846924.2009v6n1p99/10420>. Acesso em: 2 de junho de 2019.

PAGOTTO, Deise Graciosa. **Jornalismo literário: uma análise das reportagens da Revista Piauí**. 2018. Disponível em: <http://repositorio.upf.br/handle/riupf/1529>. Acesso em: 7 de outubro de 2019.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PIAUI, revista. **Mídia Kit 2019**. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/wpcontent/uploads/2019/01/midiakit2019.pdf>. Acesso em: 22 de abril de 2019.

ROSA, André. **Texto para a web tem o tamanho que ele merece**. 2014. Disponível em: <https://www.tracto.com.br/texto-para-a-web-tem-o-tamanho-que-ele-merece/>. Acesso em: 26 de agosto de 2019.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SEIBT, Taís. **Filho da Rua: jornalismo etnográfico ou reportagem de ideias?** 2013. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2013.27.65.05>. Acesso em: 31 de outubro de 2019.

SODRÉ Muniz; FERRARI Maria Helena. **Técnica de Reportagem: Notas sobre a Narrativa Jornalística**. 5. Ed. São Paulo: Editora Summus, 1986.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Longform and journalism: An analysis of large reports in Piauí magazine

ABSTRACT

This article seeks to analyze the counting process used in the reports developed by journalists from Piauí magazine. In addition, the study brings a theorist of the movement that consecrated literary journalism, known as New Journalism. The study was carried out from the exploratory method, using as a case study the Piauí magazine and tools from content analysis. The results were obtained from the analysis of the four articles in the magazine, which allow for the importance of checking data and how the details provided by journalists are essential to describe characters, environments and expressions, which results in more in-depth texts.

Keywords: News report. Literary journalism. News clearance.

Longform y periodismo: Un análisis de grandes informes en revista Piauí

RESUMEN

Este artículo busca analizar el proceso de investigación utilizado en los reportajes elaborados por los periodistas de la revista Piauí. Además, el estudio trae un teórico del movimiento que consagró el periodismo literario, conocido como Nuevo Periodismo. El estudio se realizó desde el método exploratorio, utilizando como caso de estudio la revista Piauí y herramientas de análisis de contenido. Los resultados se obtuvieron del análisis de los cuatro reportajes de la revista, que permiten la importancia de verificar los datos y cómo los detalles que brindan los periodistas son fundamentales para describir personajes, ambientes y expresiones, lo que da como resultado textos más profundos.

Palabras clave: Informe de noticias. Periodismo literario. Liquidación de noticias.

Recebido em: 05/08/2020

Aceite em: 30/05/2021